

RECENSÕES
José d'Encarnação



VISEU.M – Revista do Museu Municipal de Viseu. Nº 1, 2008. Edição da Câmara Municipal. ISBN: 978-972-8215-24-8. coordenador editorial: Henrique Almeida. 212 páginas, ilustradas, a cores.

Datado de Dezembro de 2008, este 1º número da Revista do Museu Municipal de Viseu, que recebeu o sugestivo título de VISEU.M (num preito à modernidade tecnológica e informática), constitui-se, pelo seu conteúdo, não apenas como uma revista de âmbito museológico em sentido estrito, mas sugere aspiração a vir a ser a revista cultural do Município viseense. Aliás, o facto de para ela ter sido solicitado ISBN, o que a identifica como livro, pode ser também nesse aspecto uma indicação de outros voos que se pretendem ensaiar; e, por outro lado, a circunstância de ser a revista de um museu inexistente, ainda que diversos pólos concretos – tanto de acervo de colecções (como a legada por José Coelho) como de edifícios (o Solar dos Condes de Prime, por exemplo) – possam vir a dar corpo a um «museu municipal» polinucleado.

O editorial, assinado pelo Dr. Fernando Ruas, na sua dupla qualidade de presidente da Câmara e, por inerência do cargo, de director da publicação, fala precisamente no empenho do seu Executivo em dar «o enquadramento estratégico de um programa que se concretizará a médio e longo prazo», sublinhando que, de facto, o que se pretender criar

é «uma rede de núcleos museológicos» que sejam «não apenas lugares onde se guarde a memória do passado mas espaços e tempo de acção multidisciplinar e interdisciplinar, no presente, em domínios como a educação, a cultura, o lazer e o entretenimento». Vasto programa, portanto! Logo na capa se escreve «Museologia e história local em foco» e, na verdade, a revista pretende ocupar um espaço que, numa autarquia, assume cada vez maior importância: uma publicação anual (ou, até, semestral), em que se dão a lume textos que não cabem nos jornais, que não podem esperar pela revista científica de nomeada com número restrito de leitores e mui circunscrita divulgação; textos que resultam de uma investigação cuidada, conscienciosa e de grande interesse local; que não ultrapassam a dezena e meia de páginas e se fazem eco, por exemplo, de trabalhos universitários originais, que, mui frequentemente, ficam nas gavetas e se arriscam mesmo a ser, um dia, plagiados. Bem andaram, pois, os promotores da revista com as características para ela pensadas. Começa por privilegiar-se a Museologia, apontando-se como objectivos para essa I Secção o de mostrar como os museus

podem ser factores de desenvolvimento e de valorização dos recursos locais.

Assim, o texto de Clara Camacho (p. 10-21) mostra a importância dos museus autárquicos, como «gestores de património cultural». E os três textos seguintes referem-se a iniciativas museológicas concretas viseenses:

- Henrique Almeida mostra o interesse que terá a criação, na cidade, de um museu municipal, uma ideia já remota (cujos passos historia) que urge concretizar para «reconstruir e projectar a memória colectiva» (p. 22-41);
- A. M. Galopim de Carvalho refere-se ao Museu do Quartzo como projecto de musealização da pedreira abandonada do Monte de Santa Luzia, em Viseu (p. 42-55);
- Alberto Correia e Sílvia Laureano Costa levam-nos pelos caminhos do património rural e etnográfico, a Casa de Lavoura e a Oficina do Linho da aldeia de Várzea, cabendo ao primeiro a informação sobre os antecedentes da iniciativa em projecto, detendo-se Sílvia Costa nas linhas de orientação para a actividade educativa daí decorrente (p. 56-77). Inclui a 2ª secção apontamentos de história local, encarados como fonte de informação imprescindível para a «elaboração de projectos museológicos». Nesse âmbito, coube a Jorge Adolfo Marques a tarefa de dar a conhecer as fortificações da cidade desde a Proto-História à Idade Média (p. 80-99). Anísio Miguel de Sousa Saraiva mostra (p. 100-117) como se comportaram as gentes de Viseu nos conflitos fernandinos (séc. XIV). A evocação da feira franca e do seu significado económico-cultural no tempo dos reis de Avis esteve a cargo de Alexandre Alves, um dos grandes estudiosos da história viseense (p.118-141). Isabel Monteiro debruça-se sobre a presença dos judeus em Viseu, integrando esse relacionamento judaico-português na história geral nacional e encarando-o, inclusive, do ponto de vista religioso (o judeu como «o próximo» de que se fala no Evangelho) (p. 142-163). Luís da Silva Fernandes historia os primórdios do turismo na cidade («Viseu, antiga e nobilíssima cidade de Portugal», lê-se num dos guias turísticos então publicados!), focando a actividade da Comissão de

Iniciativa e Turismo de Viseu (1926-1936), anos em que, no dealbar do Estado Novo, se procurou realçar aquilo que nos distinguia dos demais países e que era mui justo motivo de orgulho nacional (p. 164-179).

A secção 3, *Em Foco*, tem dois objectivos: salientar «iniciativas modelares de salvaguarda e valorização do património cultural», a nível local, e fazer-se eco de publicações «na área patrimonial, artística e museológica». Desta feita, as iniciativas destacadas são a actividade do Centro de Conservação e Restauro de Viseu (p. 182-187); a parceria entre o Museu de Grão Vasco e o Centro de Formação Profissional do Artesanato (p. 188-191); o Departamento dos Bens Culturais da Diocese, de cujas estratégias para a salvaguarda do património dá conta a sua coordenadora, Maria de Fátima Eusébio (p. 192-195). Finalmente (p. 196-198), Ana Barbero, docente no Instituto Piaget, traça, em linhas gerais, o conteúdo do projecto cultural *Insistesviseu*, cuja 1ª edição decorreu em 2008.

No quadro das recensões, é abordado o catálogo da colecção arqueológica do Museu do Sabugal, a monografia sobre Grão Vasco (de Dalila Rodrigues), o catálogo da exposição Monumentos de Escrita (que esteve patente no Museu Grão Vasco), o nº 2 de *Museologia.pt* (revista do Instituto dos Museus e Conservação) e o nº 5 de Conservação & Restauro (edição desse mesmo instituto).

Muito boa apresentação gráfica: feliz, por exemplo, a escolha do motivo para a capa, fotos óptimas e bem impressas. Terá faltado uma revisão mais atenta, por exemplo, das p. 62 a 66, onde as faltas de acentos (ou os acentos em advérbios de modo terminados em mente) e de letras poderiam ter sido evitadas. Original maquetização: muito discreta, sublinhe-se, a forma de remeter no texto para as fotos. A revista apresenta-se, pois, nestas suas 212 páginas, com futuro deveras promissor – a postular que rapidamente se concretize o Museu Municipal que prenuncia.